



## Gonçalo Cadilhe

# “Hoje o mundo é mesmo fácil”

Gonçalo Cadilhe é talvez o nome português que mais se vê nas prateleiras das estantes de literatura de viagem. O fascínio pelo mundo começou em criança, enquanto escuteiro e aquilo que era um mundo de sonhos, hoje é a realidade. A Outras Coordenadas falou com este viajante via online, já que Cadilhe está em viagem quase no outro lado do mundo.

Texto: Nuno Abreu  
Fotos: Gonçalo Cadilhe

*O Gonçalo é um dos viajantes portugueses mais conhecidos. O que separa o Gonçalo Cadilhe de hoje do jovem Gonçalo escuteiro que queria conhecer o mundo?*

A realidade. O GC menino escuteiro sonhava com o mundo, era por isso um mundo de sonhos; O GC hoje cumpriu os sonhos, trocando-os pela realidade do mundo. No fundo, o mesmo destino que espera a todos os meninos, o de verem os seus sonhos trocados pela realidade. Para uns de forma traumática, para outros numa transição mais suave, no meu caso com uma coerência afortunada.

*Quando começou a profissionalizar a sua actividade de viajante, o país estava preparado? Em termos mediáticos, qual a diferença entre ser um viajante português hoje e há 20 anos?*

Não estava e nem sei se ainda hoje está. Claro que hoje toda a gente sabe que existem estas profissões, “jornalista de viagens”, “escritor de viagens”, “fotógrafo de viagens”, etc... Mas como em todas as profissões também para estas é necessário haver um mercado, uma mentalidade, uma sociedade que as suporte. E os portugueses continuam a ser muito pouco curiosos com o resto do mundo, e muito comodistas para organizarem a vida e ir conhecer esse resto do mundo.

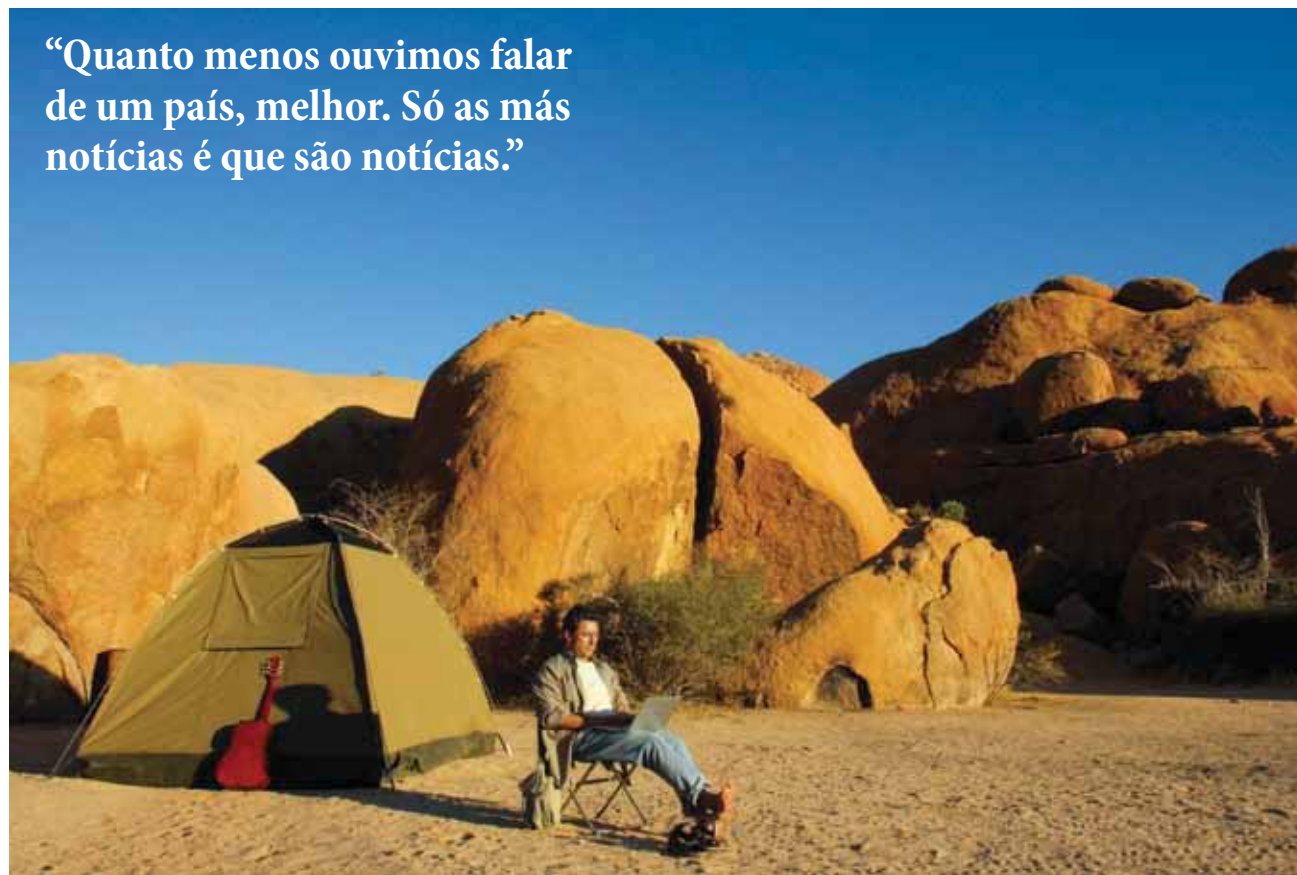
*Começamos a ver os jovens a olhar para o mundo de uma forma diferente e começa a haver cada vez mais viajantes. Sente que teve um papel nesta alteração?*

Não sei até que ponto os meus livros, os meus documentários, enfim, o manual “O Mundo É Fácil” possam ter provocado





“Quanto menos ouvimos falar de um país, melhor. Só as más notícias é que são notícias.”



alguma mudança. O que é certo é que com a entrada de Portugal na Europa, com a abertura das mentalidades, com os Erasmus todos, os jovens portugueses começaram por fim, com vinte, trinta anos de atraso, a fazer como fazem os seus contemporâneos do resto do mundo ocidental: mochila às costas e passaporte no bolso.

**Acha que os viajantes portugueses conseguem obter informação suficiente, hoje em dia, através de livros, imprensa, internet e outros meios de comunicação? Neste aspecto, qual a diferença dos dias de hoje para a altura em que começou a viajar?**

Informação a mais, realmente. Por vezes recebo e-mails de leitores a perguntar o que acho deste ou daquele site ou fórum de viajante, coisas que nem eu sei que existem. Hoje, o mundo é mesmo fácil, saís daqui já informado do preço do táxi do aeroporto para o hotel e da temperatura que vai fazer no dia seguinte à tua chegada.

**Costuma encontrar viajantes portugueses pelo mundo fora?**

Raramente.

**Falemos de segurança. São muitos os destinos que a maioria das pessoas considera inseguros. O mundo é um lugar seguro?**

Como posso responder sem cair em generalizações? Cada lugar é um caso próprio. Nova Iorque é muito segura se

saíres na paragem do metro da 5ª Av., mas também é muito perigosa se te enganares na linha e saíres no Bronx. Lisboa é muito segura mas foi o único lugar no mundo onde até hoje um carteirista me conseguiu sacar a carteira. O que precisamos é de distinguir a insegurança da ignorância. Facilmente as pessoas concluem que se não sabem nada do Butão ou do Botsuana, então têm medo. Desconhecem, logo desconfiam. Acontece o contrário. Quanto menos ouvimos falar de um país, melhor. Só as más notícias é que são notícias.

**Por falar de segurança, o Gonçalo passou pelo Afeganistão. Foi o sítio onde se sentiu mais inseguro?**

Não, claro que não. Contactei diariamente pessoas que têm uma cultura milenar da hospitalidade e da troca comercial, sabem receber um viajante. Em termos humanos era um país muito pacato. Claro que eu era informado das zonas em que havia combates e das aldeias hostis que convinha evitar. Geralmente onde me sinto mais inseguro não tem a ver com o lugar mas com o tempo. Sei lá, um autocarro que chega a Manágua ou a Joanesburgo às três da manhã e te deixa na rua porque o terminal de autocarros está fechado... bom, isso sim, é a típica situação de risco.

**Os livros são uma das formas de o Gonçalo fazer das viagens uma profissão. Nota diferença nas vendas ao longo do tempo?**

Creio que os livros têm vindo a vender melhor, sim, e cada



novo título de certa forma puxa os outros, os novos leitores ficam curiosos do que está para trás.

**Acha que isso se deve a uma nova mentalidade dos portugueses, ou ao facto de o Gonçalo ter vindo a ganhar cada vez mais mediatismo?**

Não sei se a mentalidade mudou, certamente o mediatismo, ou seja, a notoriedade, faz vender. Imagino que o leitor também sente que há diferenças fundamentais entre cada título que faz com que não reencontre as mesmas coisas em dois livros diferentes. Eu pelo menos tento trabalhar com essa directiva pessoal, a de ir renovando a “oferta”, ir procurando ideias diversificadas.

**“Facilmente as pessoas concluem que se não sabem nada do Butão ou do Botsuana, então têm medo. Desconhecem, logo desconfiam.”**

**“Encontros Marcados” é o seu novo livro. Escreve-nos sobre as Molucas, que têm merecido, como a Indonésia em geral, muito espaço nos seus livros e crónicas. Guarda um carinho especial por esta zona?**

Sim, claro, a Indonésia. Creio que tem o equilíbrio justo entre exotismo e desenvolvimento, cultura e paisagens naturais, preço e qualidade, aquilo que os americanos chamam “value for Money”;

é portanto muito gratificante regressar. Infelizmente toda a gente pensa como eu, portanto é também um destino muito, muito popular. Massificado. Ótimo para eles, claro, que podem contar com o turismo como fonte de rendimentos.

**Em alguns dos seus últimos livros os Descobrimientos têm sido o mote para as suas viagens. Como acha que este período posiciona Portugal na história mundial? Sente que por cá se dá a devida atenção aos Descobrimientos?**

Por cá, dá-se um exagerado peso aos Descobrimientos, passa-se a mensagem que Portugal mudou o mundo. São aquelas frases e análises que lá fora se tornam bastante pacóvias, é como dizer que a melhor comida do mundo é a portuguesa. Não tem valor nenhum objectivo, só o é para um português; para um chinês é uma afirmação absurda. O que eu não percebo é como é que Portugal é tão ufano com o período dos Descobrimientos e da Expansão depois deixa desaparecer os vestígios materiais e imateriais desse período: por falta de uma estratégia e de uma vontade política de alocar fundos para preservar o que resta. Um exemplo: a comunidade de portugueses em Malaca, o forte de Sofala, a candidatura de Lubanga a Património da Humanidade, etc...

**Imagina um futuro profissional que não passe directamente pelas viagens?**

Não imagino mas acredito que exista, simplesmente ainda não me foi apresentado por esse “Destino” tão presente nos “Encontros Marcados”. 🌐